

**AS ARTES MARCIAIS COMO PRODUTO MIDIÁTICO:
DA ANTIGUIDADE A BRUCE LEE E ANDERSON SILVA**

Everton de Brito Dias¹

Resumo:

Neste texto de natureza explicitamente ensaística, exploramos a midiaticização das artes marciais, propondo o diálogo entre as linhas de pensamento de Zygmunt Bauman, Guy Debord e Edgar Morin. Elaboramos sobre o desenvolvimento das artes marciais como produto midiático no Ocidente no séc. XX, o papel do cinema, o UFC (Ultimate Fight Championship) e o MMA (mixed martial arts), propondo a conciliação: o MMA em sintonia com a liquidez e a espetacularização, enquanto o pensamento complexo mostra ressonância com as artes marciais como o Aikidô.

Palavras-chave: Produtos Midiáticos. Liquidez. Espetáculo. Artes Marciais. Pensamento Complexo.

“Be formless, shapeless, like water. Running water never goes stable, so you've got to just keep on flowing.”(Bruce Lee)

Introdução

Diante da deficiência que os modelos tradicionais de pensamento e a produção de conhecimento têm demonstrado para abarcar a complexidade da natureza, a proposta do diálogo é um caminho que se evidencia como lógico e natural.

Estes são os objetivos deste ensaio: estudar a midiaticização das artes marciais, trazendo para conversar as linhas de pensamento de Zygmunt Bauman sobre a Liquidez, de Guy Debord sobre a Sociedade do Espetáculo e de Edgar Morin sobre o Pensamento Complexo.

Procurarei explorar os aspectos da superficialidade, do fácil, rápido, descartável e do consumo do MMA como técnica marcial mutilada e sua relação com a modernidade líquida e a espetacularização.

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero e membro do grupo de pesquisa “Compreensão como Método”. E-mail: everton.dias@gmail.com

Procurarei explorar pontos de diálogo entre o pensamento complexo de Morin e as artes marciais, pois ambos parecem ter nos conceitos de ação e estratégia pilares comuns a ambas áreas de conhecimento.

Neste ensaio procurarei, ainda, o estabelecimento de uma possibilidade compreensiva, investigando sentidos possíveis de diálogo.

As artes marciais a partir dos anos 1970

O termo arte marcial será usado, neste ensaio, com o sentido de designar os sistemas e tradições codificados de técnicas de combate praticados por uma diversidade de objetivos: defesa pessoal, competição, saúde e condicionamento físico, diversão, assim como desenvolvimento mental, físico e espiritual. Este conceito, embora pareça simples, representa um desafio. Stephen Chan (2000. p.69) alerta para isto ao mostrar que a UNESCO nunca teve sucesso em conduzir um estudo mundial sobre as artes marciais por não ter havido um consenso entre os seus possíveis participantes sobre uma definição ou um conceito de “arte marcial”.

Entre 1937 e 1939, o cinema já mostrava um exemplo marcante da globalização das artes marciais com o agente secreto japonês Mr. Moto, representado pelo ator alemão Peter Lorre: a imagem do oriental ocidentalizado, conhecedor da técnica marcial e da filosofia oriental. Nos anos 1970, as artes marciais se tornaram um mercado crescentemente significativo, impulsionado por produtos midiáticos como “Enter the Dragon” - Bruce Lee, 1971 - e pela série “Kung Fu” de David Carradine, 1972-1975.

Vale ressaltar que, nos dias atuais, o MMA é uma modalidade esportiva que se propõe a ser uma combinação de um número de técnicas extraídas a partir de diversas modalidades de artes marciais, com regras bem definidas. O objetivo de eficácia da técnica de combate é finalizar o oponente ou obter a vitória por pontos em um combate de três ou cinco *rounds*, mostrando máxima combatividade em cada um deles.

O UFC (Ultimate Fight Championship) é uma organização fundada, em 1993, com o objetivo original de ser uma competição entre artes marciais distintas para encontrar a que fosse a mais eficaz. A partir de 2001, o foco passou a ser o de organizar a prática do MMA por meio da criação de uma associação de profissionais praticantes e da promoção de eventos

em arenas e transmitidos por televisão. O UFC é considerado, atualmente, a organização esportiva com o maior crescimento mundial.

Parece ocorrer um esvaziamento ou superficialização da essência filosófica da arte marcial à medida que ela é misturada para criar o produto midiático MMA para consumo e absorção até mesmo em formato online. Esta prática é um produto atrativo, com elevados investimentos de marketing, atenção constante da mídia e da sociedade do espetáculo, de fácil absorção e altamente hedonista.

Ou seja, o modelo adequado ao consumo midiático do espetáculo *pay per view*, com patrocinadores, divulgação, eventos pré-lançamento, venda de ingressos, produtos e brindes associados no sentido de otimizar a receita; uma evolução midiática do modelo original do UFC (1993), mais apropriado ao formato midiático de espetáculo televisivo em massa.

Por outro lado, tomemos uma arte marcial japonesa tradicional como um contraponto ao MMA: o Aikidô.

O Aikido foi uma arte marcial desenvolvida por Morihei Ueshiba a partir dos anos 1930, principalmente a partir dos ensinamentos de Sokaku Takeda, um mestre em Daito-ryu Aiki-jujutsu, uma arte marcial para fins de combate, originalmente praticada pelos samurais. Morihei Ueshiba, gradualmente, trabalhou as técnicas ao seu modo até o momento em que as incorporou aos aspectos de práticas religiosas e filosóficas com sua aproximação com o monge Onisaburo Deguchi, um dos líderes da religião Oomoto-kyo. Futuramente, em meados dos século XX, o Aikido se tornou uma arte marcial oficialmente reconhecida no Japão.

Algumas características diferenciam o Aikidô das demais artes marciais. Destaca-se o fato de ser uma arte marcial não competitiva em que não há torneios ou campeonatos. A prática do Aikidô consiste em treinos que os “aikidokas” se colocam em situações que, aos olhos de um observador comum, parecem ser um ataque simulado feito pelo “Uke” (receptor, aquele que inicia alguma intenção), cabendo ao “Nage” ou “Tori” (o que aplicará a técnica) desenvolver um movimento a partir da intenção proporcionada pelo Uke: os espaços disponíveis, os possíveis erros e os vazios deixados. Dessa maneira, ele encontra uma estratégia para levar o seu adversário a um termo. Em geral, o Aikido consiste em movimentos circulares, elípticos, evitando o confronto direto, sem embate, porém sem fuga, chegando a uma possibilidade de neutralização do desequilíbrio entre as forças envolvidas.

A modernidade líquida e a sociedade do espetáculo

A modernidade sólida, para Bauman, é caracterizada, principalmente pela ideia do projeto moderno: o controle pelo paradigma mecanicista, pela crença da transformação pela ciência e racionalidade, tornando o mundo o melhor possível, com o Estado fornecendo critérios para avaliar a realidade do dia presente. Este pensamento predominou, praticamente, até o final do século XX, norteando um rico desenvolvimento científico, artístico, cultural, industrial e humano que determina e define, inegavelmente, a sociedade ocidental atual e grande parte da sociedade global, como consequência, especialmente, da globalização.

Segundo Bauman, os líquidos, diferente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Ao descrever os sólidos, podemos ignorar inteiramente o tempo; em contrapartida, ao descrever os fluidos, deixar o tempo de fora, seria um grave erro. A extraordinária mobilidade dos fluidos é o que os associa à ideia de leveza, enquanto os sólidos são moldados para sempre. Manter os fluidos em uma forma requer muita atenção, vigilância constante e esforço perpétuo; assim, o sucesso do esforço é tudo menos inevitável.

Para Bauman (2001), o atual sistema social aproxima os indivíduos, em primeiro lugar, como consumidores. Parecemos ser, predominantemente, orientados pela sedução e desejos voláteis, que se movem as marcas e os símbolos com uma leveza quase imperceptível nas relações sociais. A lógica proposta por Bauman reflete como o consumo parece ser estruturado na sociedade contemporânea de uma maneira pensada, e não como um fenômeno que emerge espontaneamente. É interessante lembrar que a liquidez pode ser lida sobre aspectos da realidade da vida como o tempo e espaço, a individualidade, o poder, o consumo, a emancipação, o trabalho e a comunidade.

É neste mesmo âmbito do consumo, da identificação dos indivíduos entre si e com a força das marcas e símbolos, que a lógica do mercado se entrega às regras da “sociedade do espetáculo” (DEBORD, 1997), caracterizada pela predominância da imagem, mediadora poderosa e privilegiada das relações humanas. Como Bauman (2001) também observou, esta relação entre indivíduos, marcas e símbolos produz uma opacidade das informações com frequente sobrevalorização da forma em relação ao conteúdo.

A mídia de publicidade televisiva e de internet traz um conteúdo, frequentemente, carregado de cunho emocional, espetacularizado, superficial, quase incontestável e de fácil apreensão sobre o UFC, o MMA, eventos e atletas, fazendo com que a produção crítica seja suplantada por respostas “visuais” sedutoras acerca das questões mais triviais.

O pensamento complexo

O conceito de complexidade, como lembra Morin em sua vasta obra, vem do latim *complexus* que quer dizer “aquilo que é tecido em conjunto”. A obra de Morin introduz o leitor ao pensamento complexo, teoria da qual é um dos idealizadores e sobre a qual escreveu durante todo o seu percurso como pesquisador.

A complexidade, como aponta, não é uma receita de bolo nem a fórmula mágica para decifrar fenômenos resistentes aos esforços científicos. As obras do autor francês mostram possibilidades de compreensão do mundo por um viés menos reducionista, característica predominante até o século XIX e em boa parte do século XX. O pensamento complexo apresenta-se como mais inteiro, multidisciplinar, abrangente e, por isso mesmo, menos exato e mais real, capaz de abarcar a multiplicidade de fatores da natureza.

Morin traz a questão de que a ciência técnica reducionista, puramente mecanicista e dualista, passou a não dar conta dos fenômenos multidimensionais. Tal conhecimento ignora o fenômeno mais importante, que podemos qualificar de sistêmico: conjunto organizado de partes diferentes, produtor de qualidades que não existiriam se as partes estivessem isoladas umas das outras.

Afinal, o que é o pensamento complexo? Segundo Morin(2011), a complexidade é, efetivamente, o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações e acasos que constituem nosso mundo fenomênico. À primeira vista, é um fenômeno quantitativo, que considera a extrema quantidade de interações e de interferências entre um número muito grande de unidades. De fato, todo sistema auto-organizador vivo combina um número muito grande de unidades da ordem de bilhões, seja de moléculas numa célula, seja de células no organismo. Assim, a complexidade não compreende apenas quantidades de unidades e interações que desafiam nossas possibilidades de cálculo: ela compreende também incertezas, indeterminações, fenômenos aleatórios e o acaso. A proposta da complexidade é inclusiva, agrega, não exclui. Busca-se o conhecimento multidimensional, que reconhece que

qualquer conhecimento está inacabado e oferece a possibilidade de ser questionado, reformulado. Entende o mundo e a realidade como um todo indissociável, colocando a visão quântica de que não só a parte está no todo, mas o todo também está na parte. A complexidade aparece onde o pensamento tradicional, reducionista, que tradicionalmente se diz científico, falha.

As descobertas revelavam que a organização do universo vinha da não-organização, “de uma desintegração – big-bang –, e que ao desintegrar-se, é que ele se organizou” (Morin, 2008, p.62). A partir disto Morin chega à idéia de uma contradição fundamental.

A complexidade da relação ordem/desordem/organização surge, pois, quando se constata empiricamente que fenômenos desordenados são necessários em certas condições, em certos casos, para a produção de fenômenos organizados, os quais contribuem para o crescimento da ordem (MORIN, 2008, p.63).

Portanto ordem e desordem interagem para a organização. Uma influencia a outra.

O conceito que Morin explora de “inteligência cega”, como sendo aquela que separa, divide e cinde o conhecimento, pode ser observado na forma como se vê o MMA e outras artes marciais sendo ensinadas em academias para um público ávido pelo consumo *fast food* de um conhecimento mutilado, insistindo na separação entre o sujeito e o objeto de estudo, definindo como verdade aquilo que é apenas evidente, reforçando uma simplificação que Morin chama de “patologia do saber”.

O autor aborda o que chama de paradigma reducionista com duas palavras que entende caracterizá-lo: a disjunção e a redução. O pensamento reducionista, segundo Morin, não daria conta da grandeza que é a realidade, pois simplifica e especializa excessivamente, deixando de lado todos os outros componentes. Pelo paradigma mecanicista, simplificador, os cientistas buscavam conceber um universo que fosse uma máquina determinística perfeita. A tônica era de padronizar, organizar, colocar ordem no universo, expulsar a desordem, ou seja, uma utopia clássica.

O pensamento complexo, segundo Morin, vai contra este olhar mutilador, este paradigma simplificador, procurando entender o mundo com suas nuances e supostas “imperfeições”. Quanto menos mutilador for o pensamento, menos mutilado será o ser humano. Morin caracteriza o fenômeno da ação, no âmbito do pensamento complexo, como um desafio. A noção de desafio está intrínseca à consciência do risco e da incerteza. A ação, assim, é vista como estratégia. Com o conceito de estratégia no âmbito do pensamento

complexo de Morin, o acaso não é visto como algo negativo, mas como oportunidade e chance que se deve aproveitar. A boa estratégia se utiliza do erro, omissão, ou da ausência do adversário. Ela pensa e repensa, refaz a rota, se necessário, pois não é uma receita dada e fechada. A estratégia também é a chance que se deve aproveitar: oportunidade. Aqui, podemos observar uma correspondência da estratégia da arte marcial em utilizar a energia do “opponente”, os espaços cedidos como oportunidade para serem ocupados.

Morin afirma não se tratar o pensamento complexo de uma proposta de expulsar a certeza com a incerteza, ou a separação com a inseparabilidade, ou ainda que pretenda negar a lógica para autorizar todas as transgressões. É, acima de tudo, um ir e vir constantes entre certezas e incertezas, entre o elementar e o global, entre o separável e o inseparável.

A proposta do encontro compreensivo

Foi inegável a contribuição de Bruce Lee para o desenvolvimento das artes marciais, a partir da década de 1970, e para o ápice do que consideramos o embrião da liquidez nas artes marciais: o surgimento do UFC, em 1993, na busca da arte marcial suprema, o melhor estilo. A partir daí, com a criação e popularização das academias difundindo o MMA, veio a exarcebação do consumo, a avidez pelo rápido, o descarte, hedonismo e individualismo extremados, superficialização e conseqüente enfraquecimento do aspecto mitológico da arte marcial. Como pontuou Royce Gracie, o maior vencedor por finalizações (vitória pela aplicação de uma técnica que leva à desistência do oponente por não saber como contra-atacar) da história do UFC: “No início era estilo contra estilo, agora é atleta contra atleta, porque todos treinam vários estilos... e com os limites de tempo nas lutas, nem sempre o melhor vence, algumas vezes é só o mais agressivo” (PRESTON, 2007, p. 64).

A pergunta que fica: este sempre foi o caminho evolutivo das artes marciais? Ou foi mais acelerado com a liquidez? Haverá um encerramento deste ciclo de desgaste do modelo líquido MMA com a possibilidade de resgate ou ampliação? Sem cair em reflexões saudosistas de retomar o antigo, qual teria sido a real intenção da proposta de artistas marciais como Bruce Lee e Morihei Ueshiba? Um era líquido e espetacularizado e o outro complexo? Um era pop e o outro místico? Bruce Lee procurava explorar aspectos de múltiplas artes marciais, não se atendo a uma única forma ou formato, usando ele mesmo a metáfora da água

no sentido que lhe era conveniente e apropriado para mostrar as diversas possibilidades de um “encontro marcial”. Ele próprio fez incursões no Aikidô.

Uma maneira de entender uma arte marcial implicaria em uma interpretação mais alinhada ao pensamento complexo, que não exclui a visão cartesiana: como utilizar o seu próprio corpo para construir uma ação, preparando-se para elaborar uma estratégia no sentido de produzir algo novo, levando à anulação da intenção original daquele que trouxe o impulso de ataque? Este entendimento é largamente difundido como sendo parte do princípio de artes marciais como o Judô, Aikidô, Kung-fu, entre outras.

O entendimento que o Aikidô tem de uma situação de potencial conflito pode ser ampliado. Não contradiz a visão convencional do que se pode enxergar como um conflito físico entre dois indivíduos. No entanto, há espaço para uma interpretação pela via do pensamento complexo. Dizer “agressor” não seria uma abordagem reducionista? Aquele que traz uma energia tem consciência do “valor” da intenção de sua energia? Sabe ele, conscientemente, se esta energia será sempre um ataque? Tem ele, ao menos a respeito de si próprio, a consciência de que tem alguma intenção? Além disto, nas artes marciais, há regras claras e um código de ética e conduta. Mesmo no tão criticado MMA, há *rounds* com tempos bem definidos, os competidores concordam com as regras, há um juiz mediador, o resultado final é raramente questionado.

Da perspectiva marcial, o combate pode envolver técnicas específicas com mãos livres ou com armas: bastão, espada, faca, entre outros. Em sintonia com Morin e incluindo uma perspectiva mais ampla cabe um pensamento: uma atitude ou postura corporal, ou mesmo um tom de voz ameaçador, ou um gesto que invada o espaço individual do outro, estes não teriam um potencial tão ou mais agressivo mesmo sem o uso de armas? O campo de combate, em geral, é um tatame, mas também pode ser uma rua escura, um bar, uma sala de reuniões de executivos, em um grupo de discussão de uma sala de redes sociais como o Facebook e o Whatsapp. O combate transcende o território no espaço e no tempo. E neste contexto, sim, há espaço para a aplicação da atitude marcial de maneira mais ampla que inclui, por exemplo, técnicas de negociação. A estratégia, a ação ou omissão, o acaso, a oportunidade e chance que se deve aproveitar com o espaço criado.

As artes marciais possuem, em maior ou menor grau, seu patrimônio mítico próprio, um legado que descreve sua criação, muitas vezes carregado de um tom místico. Há um eixo

comum na existência de arquétipos relacionados à criação, superação, heroísmo, honra, comunidade, sacrifício, futuro, um chamado à religião como “religare”.

O combate é um espetáculo desde os primórdios, principalmente quando se tem em conta o aspecto das práticas ritualísticas (novamente, “religare”). No UFC original, o objetivo era a comparação entre artistas marciais, cada um representando sua arte e colocando à prova sua habilidade em um espetáculo comercial. No entanto, não havia ali algo de circense? A história de cada lutador, sua vida pessoal, a construção de sua jornada de herói. Aqui se apresenta o aspecto do pensamento complexo em que o lado mitológico do ser humano é valorizado e respeitado, preservado.

A essência das artes marciais, por mais que a mídia mantenha seu foco na superficialidade líquida do espetáculo do MMA de arena, demonstra um ritual entre os combatentes. Há no artista marcial uma essência mítica que remonta a um tempo primordial. O combate é um jogo, há regras, é antes de tudo o artista consigo mesmo. Pensando complexamente, o oponente é um mediador para que o artista encare suas questões e aperfeiçoe sua prática no dia a dia. A técnica, quando necessária, pode ser usada numa postura corporal, num tom de voz, numa frase bem colocada, na respiração bem equilibrada, no carro bem dirigido no trânsito.

Morihei Ueshiba, criador do Aikido, em uma das frases que são atribuídas a ele, disse: “Quando há combate, não há mais Aikidô”. Quando um samurai empunha sua espada, já é uma lástima, boa parte da prática foi inútil, o exercício da arte, da compreensão, poderia ter sido experimentado antes e evitado o que virá a seguir. Quando se fala do Aikidô, voltando ao conceito do “Uke” e “Nage”, não podemos ver, na dinâmica de aplicação de intenção (ataque) e transformação da intenção (defesa), a aplicação do pensamento complexo na prática? Não é a própria visão de ação e estratégia do pensamento complexo? Lembrando que esta dinâmica pode se transformar: ao aplicar uma técnica, Uke e Nage podem trocar de papel a qualquer instante no encontro da oportunidade. A busca pela resolução compreensiva de conflitos é inata ao Aikidô.

Bruce Lee, em diversas de suas falas, colocava questões como “estilos separam os homens”, “é como um dedo apontando para a lua. Não se concentre no dedo ou você perderá toda a glória celestial”, “seja sem forma, sem formato, como a água”, “a água corrente nunca se estabiliza, você tem que somente continuar a fluir.”

A modernidade líquida parece ter trazido a perda de valores míticos das artes marciais, a superficialização, a individualização e a hipertrofia do consumo e descarte, a avidez pelo rápido. As artes marciais que se mantiveram tradicionais, tendo o Aikidô como exemplo, mas também incluindo o Kendô e diversas linhas do Kung Fu, mantiveram uma base filosófica mais forte e, talvez por isto, foram menos interessantes comercialmente. Talvez menos líquidas do ponto de vista baumaniano? Certamente, não menos fluidas do ponto de vista do pensamento complexo, que se pode ser alinhado com o pensamento de Bruce Lee.

Conversando também com Regina Moraes²:

Bauman fala das vidas contadas e vidas vividas e descobrimos que as vidas contadas moram na nossa alma e que por ouvi-las, nos tornamos sujeitados a ela. Se estamos vivendo o fim do mito da caverna e se não existem verdades fora dela e nem dentro, então é hora do salto às estrelas, para deixarmos brotar em nós as vidas vividas, com direito a errar e a começar de novo. Certamente um novo indivíduo, pós-moderno, um sujeito individual pronto a viver sua história.

Neste cenário pós-moderno, Morin fala do salto às estrelas, promovido pela imersão na cultura, ou seja o local do impulso para as vidas vividas são as vidas contadas.

O que assusta é que chegamos à Pós- Modernidade com um sujeito individual, autônomo, competitivo, que se libertou, não quer saber de grupos e segue o seu destino. Segue isolado em seu conhecimento, muitas vezes fundamentalista. A Sociedade industrial o decepcionou e ele quebrou as correntes e também está pronto para o salto de forma isolada.

Vemos aqui o encontro destas possibilidades no pensamento compreensivo. O líquido está aí, presente, como Bauman o observa como um estado de transição para assumir uma nova forma. Porém, por não se solidificar, não chegamos a conhecer que forma assumiremos. A arte marcial líquida como o MMA pode ser enxergada compreensivamente por uma perspectiva não competitiva como a do Aikidô. No cenário das artes marciais, seria possível separar a vida contada da vida vivida? Não cremos ser completamente possível e é neste terreno que vemos o encontro compreensivo.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Curriculum Lattes de Regina Celia Pereira de Moraes: <http://lattes.cnpq.br/0995182524603161>. Sua investigação centra-se em temas que se prendem à cognição, letramento, à Ciência e Tecnologia e espiritualidade, bem como em estudos relacionados à formação da pessoa humana e no desenvolvimento das relações interpessoais.

11º Interprogramas de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero
<http://www.casperlibero.edu.br> | interprogramas@casperlibero.edu.br

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOWMAN, P. **The Globalization of Martial Arts**. Disponível em:
<https://www.academia.edu/179550/The_Globalization_of_Martial_Arts>. Acesso em: 30 jun. 2015.
- CHAN, Stephen. The Construction and Export of Culture as Artefact: The Case of Japanese Martial Arts. **Body & Society**, v.6, n.1, p 69-74, 2000.
- DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- LEE, Bruce. **The Tao of Jeet Kune Do**. Valencia: Black Belt Communications LLC, 2009.
- MASON, Fran. **Hollywood's Detectives: Crime Series in the 1930s and 1940s from the Whodunnit to Hard-Boiled Noir**. London: Palgrave Macmillan, 2012.
- MORAES, R. **O sujeito individual - uma interlocução entre Arendt, Bauman, Morin e Freire**. Café Filosófico. Disponível em: <<http://conhecimentoefilosofia.blogspot.com.br/2015/04/o-sujeito-individual-uma-interlocucao.html>> Acesso em: 29 jul. 2015.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 4ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- PRESTON, Brian. **Bruce Lee and Me: A Martial Arts Adventure**. London: Penguin, 2007.
- SAOTOME, Mitsugi. **Principles of Aikido**. Boston: Shambhala Publications, Inc, 1989.
- UFC < <http://www.ufc.com/discover/ufc> > Acesso em: 26 ago. 2015.